

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE DIAPOSITIVOS DE ARTES

ELIANE SERRÃO ALVES MEY

Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER)
Brasília, DF.

Descreve-se o método utilizado na organização de uma coleção de diapositivos do Departamento de Arquitetura da Universidade de Brasília.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se constitui em uma experiência, *latu senso*, que objetiva a organização de diapositivos (*slides*) de Arte e Arquitetura. O objeto do estudo tratava-se, no caso, de um acervo com mais ou menos 5 000 diapositivos para a utilização dos professores de Arquitetura da Universidade de Brasília. Assim sendo, torna-se necessário especificar que os referidos diapositivos compreendem desde reproduções de obras de arte até técnicas de construção e assuntos similares. Por outro lado, a coleção carecia de organização, existindo alguns diapositivos sem os devidos elementos que pudessem permitir uma adequada identificação. O trabalho dividiu-se em várias etapas consecutivas, as quais serão, a seguir, consideradas.

2. AVALIAÇÃO DOS OBJETIVOS DAS COLEÇÕES DE ARTE

Em conformidade com a literatura especializada, as coleções de diapositivos servem para fins muito específicos, podendo ser organizadas de diferentes formas. Significa dizer que não é aconselhável serem utilizados esquemas rígidos uma vez que tais tipos de esquemas acabam dificultando o uso da coleção.

Podemos distinguir como requisitos que uma coleção de diapositivos de arte tem de levar em conta os aspectos relativos a **época, local e forma**. Exemplificando:

- Pode-se querer agrupar todos os diapositivos relativos à arte barroca ou renascentista;
- Pode ser mais importante separá-los segundo a arte francesa, brasileira ou italiana;
- Pode-se reunir os que tratam de pintura, escultura ou arquitetura.

A escolha da divisão adequada vai depender das necessidades da coleção. Muito importante, neste caso, é que seja ouvida a opinião dos usuários. Em geral, para fins didáticos, importa uma visão global de estilo de época e não tão-somente algumas formas (ou locais) de manifestações da arte.

Outro fator a ser considerado refere-se ao fato de que esta divisão *deve ser simples*, visando ao fácil manuseio dos leigos em Biblioteconomia. Neste ponto, apresenta-se um outro problema em relação a diapositivos: quando se trata de livros, é possível fornecer bibliografia, resumo ou o próprio exemplar ao leitor. Este tem o acesso direto ao material, separando o que lhe interessa. **O livro fala por si**. O diapositivo exige outras informações, além de si mesmo, requerendo uma explicação e uma identificação completa, acrescentando-se, ainda, que tais informações isoladas também não o exprimem em sua totalidade. Portanto, o manuseio é por demais importante e o tipo de separação vai tornar-se, para o seu acesso, uma facilidade maior ou menor.

3. IDENTIFICAÇÃO

A identificação consiste em determinar o objeto do diapositivo. É condição fundamental para uma eficiente utilização da coleção. Lembremos que se ocorre um engano com relação a um livro, ou se o mesmo não foi bem classificado, o leitor percebe com facilidade o erro, pois vê-se munido de outras fontes de acesso. Tratando-se de diapositivos, se afirmamos, por engano, que determinada foto retrata o templo X, o usuário há de incorrer no mesmo erro: só poderá descobrir a falha se conhecer a obra em questão.

Além de ter que ser a mais fiel possível, a identificação requer elementos completos, sobremaneira no caso da Arquitetura. Pode-se querer das aulas sobre pintura renascentista ou arquitetura românica. Mas pode-se querer também aulas sobre tipos de elevações, plantas e cortes, por exemplo. A identificação, neste caso, não se limita ao monumento representado, mas engloba, igualmente, um pormenor específico daquele monumento.

O diapositivo deve tornar-se independente, cada um por si, já que possui caracterís-

ticas próprias. Suponha-se uma vista que seja do Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas: o mesmo difere, de forma total, de diapositivos de seu adro, portada ou campanário, ainda que se refiram ao mesmo monumento.

Em conclusão: como primeiro passo fundamental temos então a fiel e total identificação do diapositivo. Conseqüentemente, tal trabalho permitirá o adequado andamento de toda a seqüência de organização.

4. PESQUISA

Cada diapositivo, por não conter em si mesmo elementos que o personalizem, tal como ocorre nos livros, precisa ser pesquisado. A mencionada pesquisa comporta dupla finalidade:

- para uma boa classificação; e
- para que os dados levantados sejam transcritos à parte e fiquem à disposição dos usuários. A pesquisa deve ser feita em literatura especializada. Não se devem aceitar, como fontes fidedignas, guias turísticos e obras semelhantes, embora não sejam desprezíveis.

Quando os diapositivos forem feitos a partir de uma obra específica (cópia de livros), convém usar, de preferência, a citada obra como fonte. Outro dado importante reside em contar-se com algumas obras-guia de história da Arte ou de Arquitetura. Quando houver divergência, usar as obras-guia escolhidas.

São informações de importância a serem obtidas no caso de diapositivos para Arquitetura, aplicáveis também para as coleções de Arte:

DATAS: quando estas não forem totalmente conhecidas, colocar a data provável, com ponto de interrogação; quando não se souber a data, utilizar-se do século ou de parte do século em que foi feita. No caso de obras arquitetônicas mais antigas, estas levavam, às vezes, séculos em construção, abrangendo vários estilos. Colocam-se, então as datas de início e fim da obra. (A data de início nem sempre coincide com a do risco ou projeto.) Quanto às igrejas, anota-se a data de consagração ou dedicação. Na maioria das vezes, depois de consagrada, a obra das igrejas estendia-se pelos séculos seguintes devido a reformas, restaurações e modificações. Ressalte-se que se tais obras posteriores significarem mudanças expressivas referentemente ao estilo ou ao conjunto da obra, deverão ser feitas as anotações correspondentes.

ARTISTAS: é muito importante que se reconstrua a evolução histórica da arquitetura tendo em vista a influência que os artistas tiveram em sua época e a permanência, ou não, de seus estilos. Independentemente de seu valor artístico, estes arquitetos devem ser registrados, estabelecendo-se, inclusive, um catálogo de arquitetos.

OUTRAS INFORMAÇÕES: também são importantes detalhes de construção, pormenores originais, particularidades do edifício ou da cidade. Caso se trate de obras que se localizam em museus, proceder ao devido registro. Finalmente, devem ser registrados todos os fatos que diferenciem esta construção de outras similares, que a tornem uma obra de arte singular, personalizada e passível de ser reconhecida.

5. PROCESSAMENTO TÉCNICO

O primeiro passo deve ser, na prática, a classificação. Aqui se apresenta no item c, dada sua extensão.

5.1 REGISTRO

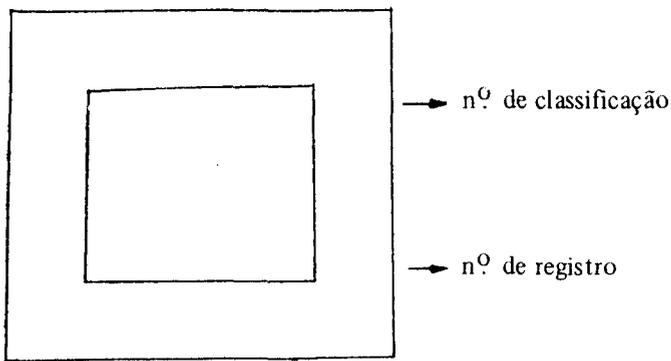
Os diapositivos devem ser registrados um a um, empregando-se qualquer dos meios normais de tombamento. Devem constar, além do número de tomo e data:

- Autor da obra, ou seja, o nome do artista.
- Título da obra, isto é, o nome do monumento, com os detalhes que lhe são pertinentes no diapositivo específico uma vez já registrado. Exemplificando: Igreja de Nossa Senhora do Carmo – Ouro Preto – elevação.
- Origem: caso o diapositivo tenha sido copiado de livro, indicar o mesmo, página ou gravura correspondente. Se a origem for outra, indicar a fonte. Exemplificando: coleções da UNESCO.
- Número de classificação.

O registro, assim detalhado, permitirá uma reprodução sempre que o diapositivo já registrado tiver-se extraviado ou danificado. Tratando-se de reposição por perda ou dano – repondo-se um idêntico – deve-se utilizar o número de tomo igual ao do anterior. Evitam-se, assim, registros extensíssimos, os quais não correspondem à realidade da coleção.

5.1.1 ARMAZENAGEM

Após ser classificado e registrado -- com todas as informações pertinentes, anotadas à parte -- o diapositivo terá duas notações para arquivo. Estas deverão ser colocadas na moldura como se segue:



Em termos de armazenagem, sugere-se que o diapositivo seja ordenado do mais geral para o mais específico. Por exemplo: “a vista geral de uma igreja anterior ao detalhe da sacristia, como se o visitante entrasse na mesma, vendo, primeiramente, sua parte externa”.

Quanto mais rapidamente guardar-se o diapositivo, diminui-se a possibilidade de ser danificado, em decorrência da ação de temperaturas inadequadas, poeira ou outros elementos que possam afetá-lo.

5.2 CATALOGAÇÃO

A entrada na catalogação vai depender do tipo de arte que é objeto do diapositivo:

- Pintura, desenho, gravura, escultura, desenho industrial, com artista definido: iniciar pelo artista, na forma mais conhecida do nome, mesmo que não seja o sobrenome, seguido de suas datas.
- Sem artista definido: iniciar pelo local onde as obras foram encontradas nas escavações arqueológicas, ou cidades de origem, seguidas do país ou nação.
- Artes menores, outros tipos de arte: iniciar pela cidade onde foram encontradas, ou cidade de origem, seguidas do país ou nação. Em ambos os casos, desde que não se possa identificar a cidade, iniciar pela nação.
- Arquitetura: como as obras arquitetônicas não significam, muitas vezes, o resultado de um trabalho único e como esses artistas não se identificam, de imediato, com as obras das quais participaram, as entradas serão dadas pelas cidades onde se localizam os monumentos, seguidas do país. Para o Brasil, França e Itália, as cidades deverão ser acompanhadas por siglas que indiquem os Estados e províncias, entre parênteses. Em relação à França não se utiliza a atual estrutura departamental, lançando-se mão das províncias. As siglas empregadas são as oficiais, ou as aceitas pelo consenso geral. Exemplificando: Penedo (AL), Brasil.

Da catalogação devem constar igualmente:

- Número de classificação;
- Nome do monumento;
- Datas;
- Artistas (arquitetos);
- Pormenor específico do diapositivo;
- Colação: nesta indica-se se o diapositivo é em preto-e-branco, ou colorido, além do número de registro entre parênteses.

O número de registro é necessário, pois – a não ser em classificações muito extensas – não se pode chegar a um nível de detalhamento que distinga este diapositivo de outro envolvendo o mesmo objeto.

Colocam-se em nota as informações adicionais obtidas na pesquisa. Saliente-se que se fazem entradas secundárias para os arquitetos, bem como para os pormenores do diapositivo.

Tratando-se de obras de arte como pintura e escultura, que fazem parte de uma obra arquitetônica maior, dar entrada pela obra arquitetônica e secundária para o tipo de arte. Exemplificando:

“Esculturas de Aleijadinho fazem parte do Santuário de Bom Jesus de Matozinhos, com secundária para Escultura.”

Além destas fichas de catalogação, muito úteis são as fichas de tamanho maior, em que constam:

- Classificação;
- Número de registro;
- Fotografia, em positivo, do diapositivo;
- Bolso para o negativo;
- Local;
- Título;
- Autor da obra;
- Datas;
- Origem do diapositivo (livro, coleção, etc.);
- Estado de conservação e restauração do monumento;
- Observações (ou informações) adicionais;
- Bibliografia.

Estas fichas são arquivadas pelo número de classificação, seguindo a mesma ordem dos diapositivos nas gavetas.

<div data-bbox="82 368 284 564" style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: auto;">(Bolso para o negativo)</div>	CLASSIF.:	(Fotografia do diapositivo)
	Reg.:	
	Local:	
	Obra:	
	Datas:	
	Autor(es):	
	Origem:	
	Estado de Conservação e Restauração:	

Fig. 2. Modelo de ficha. No verso devem constar a bibliografia e observações adicionais. Tamanho: 18X12 cm.

72AB2.
510P/FR

Ouro Preto (MG), Brasil.

Igreja de S. Francisco de Assis da Penitência. 1771–1974. Risco de Aleijadinho. Vista da elevação anterior.

Diap. em pr. e br. (1.395)

1. Aleijadinho. I. Elevação anterior.

Fig. 3. Modelo de ficha de catalogação.

5.3 CLASSIFICAÇÃO

Em princípio, utilizou-se para o presente trabalho o esquema de classificação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Na medida do desenvolvimento da tarefa, foram tornando-se necessárias algumas modificações, pelo que o esquema se apresenta modificado, embora a essência seja a mesma. Verificam-se certas incorreções lógicas, para tanto lembrando-se a arte oriental somente enquadrada dentro da Antigüidade, ou a divisão do esquema por povos até a era cristã, e, a partir desta, por séculos (e estilos). No entanto, acredita-se que o fundamental, na arte antiga, se constitua nos povos e não em épocas restritas. Mais do que por datas, a Antigüidade acha-se compreendida pela hegemonia ou o predomínio deste ou daquele povo.

Pode-se dividir a notação do esquema em seis partes:

- Época;
- Tipo de arte;
- País (só utilizado a partir da era cristã);
- Especificação dentro da arte (somente para arquitetura e urbanismo);
- Estado e/ou cidade (o Estado só é utilizado para o Brasil);
- Monumento.

Para pintura, escultura, gravura, desenho e desenho industrial, com artistas definidos, substituem-se os três últimos itens pelo nome conhecido do autor.

Intercalam-se, na notação, números e letras objetivando uma maior versatilidade do sistema e mais fácil memorização. Desde que a utilização do acervo exija que se inicie a notação por forma de arte ou país, é possível inverter a ordem aqui apresentada.

(1) Tabela por época

- 1 – Pré-história e primitivos;
- 11 – Período paleolítico;
- 12 – Período mesolítico;
- 13 – Período neolítico;
- 14/19 – Primitivos, por subdivisão geográfica (segundo a Classificação Decimal de Dewey);

OBS.: Aqui se incluem povos que, na atualidade, ainda vivem em estágio primitivo.

- 2 – Pré-colombianos;
- 21 – Astecas e povos afins;
- 22 – Maias;
- 23 – Incas;

- 3 – Antigüidade;
- 31 – Oriente;
- 311 – China;
- 312 – Japão;

- 32 – Egito;
- 321 – Pré-dinástico: anterior a 3000 a.C.;
- 322 – Antigo Império:
 - . Pré-tinita e tinita: 1ª e 2ª dinastias – c3000 – 2800 a.C.;
 - . Pirâmides: 3ª a 6ª dinastias – c2800 – 2300 a.C.;

 - Médio Império:
 - . 1º período intermediário: 7ª a 10ª dinastias: 2300 – 2160 a.C.;
 - . Período médio: 11ª a 13ª dinastias: 2160 a 1750 a.C.;
 - . 2º período intermediário: 14ª a 17ª dinastias: 1750 a 1580 a.C.;

 - Novo Império:
 - . 18ª a 20ª dinastias (19ª – Ramsés I) : 1580 a 1090 a.C.;
 - . 21ª a 25ª dinastias: 3º período intermediário: 1090 a 663 a.C.;

 - Baixa Época:
 - . Reinado Saíta: 26ª dinastia: 663 a 525 a.C.;
 - . Período Persa: 27ª a 30ª dinastias: 525 a 332 a.C.;
 - . Período Helenístico (Alexandre e os Ptolomeus): 332 a 30 a.C.;
 - . Período Romano: 30 a.C. a 640 d.C.

- 33 – Judéia
- 34 – Índia e Indochina
- 35 – Mesopotâmia, Média e Persa
- 351 – Caldéia
- 352 – Assíria
- 353 – Média
- 354 – Babilônia (Suméria e Akkad)

- 355 – Pérsia, Luziania, Elam
- 36 – (vago)
- 37 – Fenícia, Ásia Menor
- 371 – Fenícios
- 372 – Hititas
- 38 – Grécia
- 381 – Arte egéia: Creta -- 2500 a 1200 a.C. e Micenas
- 382 – Época arcaica: das invasões dóricas ao começo do séc. V a.C.
- 383 – Época clássica: séculos V e IV a.C.
- 384 – Época helenística: 323 a 100 a.C.
- 39 – Etrúria e Roma
- 391 – Etrúria
- 392 – Formação: da origem à conquista da Grécia: 146 a.C.
- 393 – Desenvolvimento: da conquista da Grécia a Adriano; 146 a.C. a 138 d.C.
- 394 – Transformação: de Adriano a Constantino: 138 a 313 d.C.
- 395 – Decadência: de Constantino a Teodorico: 313 a 526 d.C.

- 4 – Período Cristão
- 40 – Primitivo
- 41 – Cristão primitivo
- 42 – Bizantino
- 43 – Carolíngio
- 44 – Lombardo e visigótico
- 45 – Merovíngio
- 46 – Românico
- 47 – Gótico
- 48 – Muçulmano

- 5 – Século XIV e XV (Renascimento)

- 6 – Século XVI

- 7 – Séculos XVII e XVIII
- 71 – Século XVII (Manuelino, Barroco)
- 72 – Século XVIII (Barroco)

- 8 – Século XIX
- 81 – Neo-classicismo
- 82 – Romantismo
- 83 – Realismo
- 84 – Naturalismo

- 85 – Pré-rafacismo
- 86 – Impressionismo
- 87 – Pós- e neo-impressionismo
- 88 – Art nouveau

- 9 – Século XX
- 91 – Fauvismo
- 92 – Cubismo
- 93 – Futurismo
- 94 – Abstracionismo
- 95 – Expressionismo
- 96 – Dadaísmo, Surrealismo

(2) Tabela por tipo de arte

- A – Arquitetura
- AR -- Arquitetura de interiores

- B – Mapas

- C – Cerâmica

- D – Desenho
- DI – Desenho Industrial

- E – Escultura

- G – Gravura

- M – Mosaico

- P – Pintura
- PM – Miniatura, iluminura

- T – Tapeçaria

- U – Urbanismo

- V – Vitrais

- X – Artes menores (jóias, armas, etc.)

(3) Tabela de especificações dentro da arte

A – Arquitetura

- 1 – Detalhes (utilizar somente quando o diapositivo não se referir a nenhuma obra específica)
 - 2 – Arquitetura religiosa (templos, igrejas, etc.)
 - 3 – Arquitetura funerária
 - 4 – Edifícios públicos
 - 1 – Teatros, cinemas, auditórios
 - 2 – Recreação: edifícios esportivos, clubes, colônias de férias
 - 3 – Administração pública
 - 4 – Pavilhões para exposições
 - 5 – Termas, fontes
 - 6 – Comunicação: correio, rádio, televisão
 - 7 – Hospitais, asilos, creches
 - 8 – Escolas, cidades universitárias, bibliotecas, museus
 - 9 – Transportes: estações rodoviárias, ferrovias, aeroportos
 - 5 – Monumentos, pontes, aquedutos
 - 6 – Habitação: casas, palácios, apartamentos
 - 7 – Arquitetura militar: muralhas, portas de cidades, fortalezas
 - 8 – Edifícios comerciais e industriais: lojas, escritórios, bancos, fábricas, laboratórios etc.
 - 9 – Arquitetura paisagística: espaços com predominância de vegetais
- U – Urbanismo
- 1 – Fato urbano: núcleos habitacionais, etc.

(4) Outras tabelas

As outras tabelas restantes (país, cidade e monumentos) são totalmente empíricas. Sugere-se que, no caso de país, seja usada uma única letra maiúscula, correspondendo à inicial do nome em português, acrescentando-se uma letra minúscula para os países de idêntica inicial. Quanto aos monumentos e cidades, sejam empregadas duas letras maiúsculas. É interessante estabelecer-se um padrão para nomes iguais. Exemplificando: "Igreja de São Francisco – FR, qualquer que seja a cidade".

Quanto aos Estados, usem-se os números reconhecidos nas tabelas de classificação. Por exemplo: "51 – Minas Gerais".

(5) Notação

Devido ao espaço útil ser reduzido no diapositivo a notação deve ser bem simples, com o menor número possível de sinais auxiliares.

época – tipo de arte – país – especificação. Estado – cidade/obra

Para pintura:

época – tipo de arte – país. artista

Exemplo:

Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Ouro Preto, Minas Gerais, séc. XVIII

72	A	B	2	51	OP	CA
barroco	arquitectura	Brasil	religiosa	Minas Gerais	Ouro Preto	Carmo

ou: 72AB2.51OP/CA

Para pintura:

Nascimento de Vênus, de Botticelli, séc. XV, Itália

5	P	I
Séc. XV	pintura	italiana

6. CONCLUSÃO

O processamento técnico de materiais especiais exige soluções especiais. Levando-se em consideração tal princípio, tentou-se fugir, de forma total, às regras de catalogação e de esquemas de classificação. No presente trabalho, procurou-se apresentar alguns problemas que dizem respeito ao tratamento destas coleções.

Ressalte-se, no entanto, que a abordagem empregada e as soluções apresentadas não têm a pretensão de se configurarem como completas, nem com o caráter de absolutas. Acervos maiores, finalidades diversas talvez mereçam definições diferentes. O único princípio fundamental é o de que o leitor ou usuário, em realidade, é quem determina o objetivo maior de qualquer organização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores e funcionários do Departamento de Arquitetura da Universidade de Brasília pelo apoio que me deram. Em especial, agradeço e dedico este trabalho à Prof^ª Christina Juçá, do referido Departamento, e à Prof^ª Cordélia R. Cavalcanti, do Departamento de Biblioteconomia, que o tornaram possível.

REFERÊNCIAS

1. BAZIN, Germain. **L'architecture religieuse baroque au Brésil**. São Paulo, Paris, Museu de Arte, Plon, 1956. 2 v.
2. CÓDIGO de catalogação anglo-americano, por American Library Association et alii. Trad. de Abner Lellis Corrêa Vicentini e Asterio Campos. Brasília, Ed. dos Tradutores, 1969: 528 p.
3. FLETCHER, Banister Flight. **A history of architecture on the comparative method**. 17.ed. rev. by R. A. Cordingley. London, University of London, 1961. 1366 p.
4. IRVINE, Betty Jo. Organization and management of art slide collections. **Library Trends** 23 (3): 401-416, Jan. 1975.
5. TANSEY, Luraine. Classification of research photographs and slides. **Library Trends**. 23(3): 417-426, Jan. 1975.
6. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Classificação e catalogação de diapositivos de arte**. S. Paulo, 1963. 21 p.

ABSTRACT

Some considerations on the organization of art slides collection

The methods used in the organization of an art slides collection of the Department of Architecture of the University of Brasília are describe.

